



JESUS... “PROSTROU-SE POR TERRA”

(Mc 14,35)

As posições do corpo são quatro. De pé, sentado, deitado, de joelhos. De pé está-se para caminhar. É a atitude de quem não fica parado. Jesus é um homem constantemente em caminho, ao ponto de não ter uma casa, nem sequer uma pedra sobre a qual descansar a cabeça.

Sentados está-se para ler, refletir, estudar: Jesus, mestre, senta-se no monte e na barca, para instruir os discípulos, ou as multidões.

Deitados está-se para descansar, inclusive, no sono profundo da morte: Jesus é depositado da cruz no sepulcro.

Mas para rezar é necessário pôr-se de joelhos.

‘Prostrar-se com o rosto na terra’, de fato, é a expressão bíblica mais comum para indicar a submissão, o abandono, a reverência, e, portanto, também a oração.

Concretamente, significa cair de joelhos, estender os braços e tocar a terra com a fronte. Desta atitude fundamental para a oração bíblica, temos numerosas atestações antigas, sobretudo, da idade patriarcal e, portanto, anteriores à religião mosaica.

Citarei apenas algumas:

Abraão prostra-se até o chão diante aos anjos que o visitam (Gen 18,2). O mesmo faz seu sobrinho Lô, ‘prostrou-se com o rosto por terra’ (Gen 19, 1). O servo de Abraão, em sinal de gratidão, para ter encontrado uma esposa para o filho do patrão, ‘... prostrou-se por terra diante de Javé’ (Gen 24, 52); Jacó, aproximando-se do irmão Esaú ‘... prostrou-se por terra sete vezes (Gen 33,3). Jacó recusa de humilhar-se, tanto assim, diante de seu filho menor (Gen 37,10), mas diante de José deverão prostrar-se todos seus irmãos ‘... prostrar-se diante dele com o rosto por terra’ (Gen 42,6). E assim por diante. Não há dúvida de que esta seja a posição do corpo assumida por alguns, para manifestar total submissão à vontade de quem é maior do que eles.

Agora, é bastante curioso que esta prostração de rosto no chão tenha-se perdido no Israel pós-bíblico. A não ser por poucas exceções, Israel, até hoje, reza de pé, não mais de joelhos. Quem conservou esta primordial atitude de oração é o Islâm árabe, que repete-a quotidianamente ainda hoje. No mundo cristão, estamos acostumados, ao menos, fazer a genuflexão, e os orientais, estão, até, acostumados a fazer contínuas ‘prostrações’. É significativo que Ety Hillesum, uma jovem hebréia holandesa, morta em Auschwitz, e, hoje-em-dia, justamente, muito amada pelos jovens, confie ao seu diário de ter aprendido de novo a ajoelhar-se – atitude que tornar-se-lhe-á, habitual, congenial – vendo uma serva cristã.

Pôr-se de joelhos, ou cair de joelhos é, também, o que nos ensina São Paulo, em sua reza de adoração: ‘Por isso eu dobro os joelhos diante do Pai, do qual tem origem toda descendência no céu e na terra’ (Ef 3, 14-15). A tradução CEI precedente dizia: ‘Do qual procede toda paternidade’, e, segundo o meu ponto de vista, era mais sugestiva, porque indicava como, pela submissão à paternidade de Deus, venha, também uma aumentada fecundidade humana. Em todo caso, ajoelhar-se está muito próximo ao ‘prostrar-se com o rosto no chão’ dos antigos semitas que os muçulmanos têm preservado e que, talvez, também nós cristãos deveríamos redescobrir, ao menos, nos momentos da prova, seguindo o exemplo extremo de Jesus no Getsêmani.

Alberto Mello, monge de Bose